

PAPEL DAS SECRETARIAS ESTADUAIS NO DESENVOLVIMENTO DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Sávio Assis de Oliveira⁷⁸
Victor Andrade de Melo⁷⁹

UNITERMOS: *Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte; História da Educação Física*

RESUMO: *Qual o papel das Secretarias Estaduais no desenvolvimento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE? Como surgiu a idéia da criação dessas Secretarias? Qual tem sido sua atuação e importância? Quais indicadores podemos colher, buscando potencializar tal atuação? Longe de responder definitivamente tais questões, neste artigo objetivamos apresentar uma reflexão introdutória, construída a partir de nossa experiência como associados e dirigentes dos fóruns regionais da nossa entidade científica. Neste breve artigo, consideramos a possibilidade de contribuir com os outros companheiros das Secretarias Estaduais e também com a Secretaria Nacional, para que tornemos ainda mais legítimo e importante o espaço (a ser) construído.*

INTRODUÇÃO

Qual o papel das Secretarias Estaduais no desenvolvimento do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte - CBCE? Como surgiu a idéia da criação dessas Secretarias? Qual tem sido sua atuação e importância? Quais indicadores podemos colher na busca de potencializar tal atuação? Longe de responder definitivamente tais questões, neste artigo, objetivamos apresentar uma reflexão introdutória, construída a partir de nossa experiência como associados e dirigentes dos fóruns regionais de nossa entidade científica⁸⁰.

De fato, consideramos, não só uma honra, como uma necessidade, a abertura de um espaço para pensar/repensar o importante caminho construído pelas Secretarias Estaduais desde sua criação, na ocasião que nosso Colégio comemora seus 20 anos de existência. Envolvidos pela militância cotidiana e pelas dificuldades hodiernas de tal atuação, nem sempre paramos para refletir mais profundamente sobre os pressupostos e importância dessa atuação. Assim, neste breve espaço, consideramos a possibilidade de contribuir com os companheiros das Secretarias Estaduais e, também, com a Secretaria Nacional, para que tornemos, ainda mais legítimo e importante, o espaço construído.

Reconhecemos, desde já, outras possibilidades de leitura/escrita sobre a história e a atuação das Secretarias, sobretudo por aqueles que acompanharam mais de perto este processo. Esperamos, contudo, modestamente, colaborar com o desenvolvimento de nossa entidade e, porque não dizer, para a organização de nossa categoria.

Como surgiram as Secretarias Estaduais? Quais foram as motivações de tal criação?

ORIGENS DAS SECRETARIAS ESTADUAIS DO COLÉGIO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DO ESPORTE

Fundado em 1978, como qualquer outra entidade científica, o CBCE não se desenvolveu de forma linear e homogênea. Durante sua existência, diversas são as mudanças observadas em sua estrutura, no conceito de ciência adotado, nas disputas de poder em seu interior, nas estratégias de mobilização, enfim, nos caminhos trilhados.

Compreender a criação das Secretarias Estaduais, neste contexto, é nosso desafio. Para tal, faremos uso privilegiado do estudo de Fernanda

⁷⁸ Mestrando em Educação - Universidade Federal de Pernambuco

⁷⁹ Doutorando em Educação Física - Universidade Gama Filho

⁸⁰ Sávio de Assis Oliveira é sócio do CBCE desde 1991 e foi Secretário Estadual de Pernambuco na gestão 1997/1998. Victor Andrade de Melo é sócio do CBCE desde 1990 e, atualmente, é Secretário Estadual do Rio de Janeiro (gestão 1996-1998).

Paiva (1994)⁸¹, que procurou discutir profundamente o desenvolvimento histórico e a atuação do Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte.

Segundo a autora, as representações estaduais foram dinamizadas em 1987, em uma reforma estatutária que, entre outras coisas, tornou mais racional a composição de cargos de diretoria. Até então, as representações eram indicadas pelo presidente da entidade. Com o novo estatuto, passaram a ser organizadas "... primeiro como comissões provisórias e depois em secretarias estaduais eleitas pelos associados em cada estado" (*ibid.*, p.79).

Embora não previstas oficialmente, desde as origens do Colégio Brasileiro, pensava-se na organização de representações estaduais. Por exemplo, no terceiro número do primeiro volume da Revista Brasileira de Ciências do Esporte, maio de 1980, foi informado que estava sendo organizado um Congresso Regional de Ciências do Esporte - Região Sul, sob a responsabilidade da Secretaria Estadual do CBCE do Rio Grande do Sul, cujo representante era o prof. Eduardo Henrique De Rose. No número posterior da Revista, era informado que o prof. De Rose fora substituído pela profa. Elizabeth Pigatto, enquanto o prof. Luiz dos Santos assumia a Secretaria Estadual do Distrito Federal. Assim, temos alguns indícios de que a idéia acompanhou a entidade, desde suas origens.

Na composição das diretorias do CBCE, a primeira vez em que aparece uma referência direta às representações estaduais foi na gestão 1983/1985, quando o prof. Lino Castellani Filho ocupou o cargo de 'Assessor de representações estaduais', na gestão 1985/1987. O cargo de 'Coordenadora de representações estaduais', não previsto estatutariamente, ficou sob a responsabilidade da profa. Celi Nelza Zulke Taffarel. Esse cargo deixa de existir na gestão seguinte, quando a entidade foi presidida pela própria profa. Celi Taffarel, provavelmente, por se objetivar potencializar a ação das representações estaduais, a partir do exposto acima.

Veremos que tal iniciativa se deu em um momento de mudança dos padrões de ciência e

administração do CBCE⁸². Segundo Paiva (*id.*), a partir da gestão de 1985, no âmbito do Colégio, ciência e prática científica passam a ser consideradas como instâncias ideológicas, devendo contribuir para a transformação social; ao contrário de uma prática pretensamente neutra, percebida anteriormente. Para isso contribuíram, o momento político nacional e mesmo o fato de, pela primeira vez, um professor de Educação Física assumir a presidência da entidade⁸³, até então, somente ocupada por médicos.

Essa mudança, também é sentida, denotadamente, nos aspectos administrativos, onde democracia passou a ser uma palavra-chave. Logo, o desenvolvimento de representações estaduais pôde ser compreendido como uma estratégia de: a) divulgar, ainda mais, a entidade científica em busca de maior reconhecimento por parte da categoria; b) aumentar a inserção da entidade nos mais diversos âmbitos da sociedade civil; e c) ampliar a participação de setores da categoria no âmbito do CBCE.

As representações estaduais encontraram na profa. Celi Taffarel uma importante defensora e dinamizadora. Já em 1986, ela se preocupava em buscar, não só representantes estaduais, como representantes em cada escola de Educação Física, nas diversas associações ligadas à área de conhecimento, nos diretórios de estudantes⁸⁴. Sua preocupação estava diretamente ligada à democratização da entidade e à necessidade de aumentar o vínculo do CBCE com todas as organizações ligadas à Educação Física/Ciências do Esporte, de forma a garantir um esforço de união para o progresso da área de conhecimento.

Logo, a potencialização das representações estaduais deve ser compreendida nesse contexto, de mudança de perfil do CBCE, embora sua organização mais efetiva somente possa ser constatada no decorrer do tempo. A princípio, embora a idéia logre grande aceitação, houve dificuldade no desenvolvimento de sua estruturação básica. Afirma Paiva (*id.*):

⁸¹ PAIVA, Fernanda Simone Lopes de. *Ciência e poder simbólico no Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte*. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo, 1994. 254 p.

⁸² Nosso intuito não é discorrer profundamente sobre tais mudanças. Sugerimos, para os que desejarem maiores informações, o estudo de Paiva (*id.*).

⁸³ A presidência da gestão 1985/1987 foi ocupada pelo prof. Laércio Elias Pereira.

⁸⁴ Ver tal posição no ofício CBCE/SNRE/041/86 (*in.* PAIVA, *id.*).

"No ano de 1986, o Colégio contava com um bom número de colaboradores, um total de 85 pessoas envolvidas entre representantes e delegados. Apesar de nominados representantes, nunca se chegou a efetivar, de forma concisa, o 'esforço unificado' ou a 'unidade de ação' político-administrativa" (p.138).

Obviamente, isso deveu-se à dificuldade de articulação operacional, a necessidade de mudança paulatina nas compreensões dos associados ao redor do que seja uma entidade científica e mesmo a uma indefinição, que ainda persiste, sobre as reais funções das representações estaduais, a começar pela própria idéia de representação. Sob a forma de Secretarias, escolhidas pelos associados em cada estado, não se tem apenas uma 'representação' da diretoria nacional do CBCE, mas também se apresenta a possibilidade de uma atuação específica local. Isto é, uma ação orientada por diretrizes políticas, científicas e administrativas nacionais, mas também específica, particular e não menos legítima.

Este, talvez, seja o sentido central da organização das Secretarias Estaduais, no bojo das mudanças na condução do CBCE: as representações nos estados, tanto poderiam ampliar a atuação 'externa' da entidade, quanto modificar substancialmente sua estrutura 'interna'.

Foi, mais uma vez, na segunda gestão da profa. Celi que a importância das Secretarias foi destacada. Desde o conflituoso processo eleitoral⁸⁵, as propostas da chapa eleita (chapa 'Compromisso') ressaltaram a necessidade de consolidar as Secretarias Estaduais. Nesse momento, já se falava em consolidar um regimento interno das secretarias. As propostas da outra chapa ('Com Ciência'), sequer citavam tais instâncias, o que, mais uma vez, nos faz perceber que as representações estaduais estavam diretamente ligadas a um projeto diferenciado (a ser consolidado) de uma entidade científica mais democrática, advogando um outro conceito de ciência e atenta à necessidade de inserção na sociedade.

Paulatinamente, a partir de então, as Secretarias Estaduais foram se organizando e ocupando espaço, obviamente, de forma diferenciada nos diversos estados e, mesmo, em momentos diferen-

tes em cada um dos estados. Sem dúvida, a organização das Secretarias ainda não está de todo completa, persistindo ainda muitas dúvidas sobre seu papel e sobre sua possibilidade de atuação, embora, pareça já ser corrente, o reconhecimento da importância dessas instâncias regionais de atuação.

Não podemos negar que, nos últimos anos, a entidade científica parece estar mais preocupada com a organização, desenvolvimento e representatividade das Secretarias Estaduais. Ainda assim, não devemos negligenciar, pois estamos longe do que se poderia esperar do potencial dessas instâncias.

Temos que compreender um pouco da atuação das Secretarias Estaduais, o que pode ser interessante, para que possamos entabular debates maiores sobre essas entidades. Sem sombra de dúvidas, muitas experiências interessantes têm sido desenvolvidas em muitos estados, mas neste artigo, nos ativemos a apresentar algumas experiências realizadas nos Estados de Pernambuco e do Rio de Janeiro. Com isto, ressaltamos, não estamos desconsiderando outras importantes iniciativas; simplesmente apresentamos àquelas as quais estivemos mais diretamente ligados.

PAPEL DAS SECRETARIAS ESTADUAIS: Experiências em Pernambuco e Rio de Janeiro

Experiências em Pernambuco

Em Pernambuco, a Secretaria foi instalada a partir de 1989. Além dessa primeira gestão, duas outras se seguiram, por processos eleitorais realizados em 1991 e 1994.

Nesse período, o CBCE/PE realizou fóruns de debates, cursos de atualização, editou boletins, firmou convênios, participou da organização de encontros e, também, promoveu um Encontro Estadual de Educação Física Escolar. A partir de 1994, a tônica foi: a articulação com as entidades científicas, acadêmicas e sindicais do estado; o resgate e ampliação do quadro de sócios; e a ampliação do Boletim Informativo, com o objetivo de divulgar a produção do conhecimento em Pernambuco.

⁸⁵ Maiores informações podem ser obtidas no estudo de Paiva (*id.*)

No processo eleitoral de 1996, nenhuma chapa se inscreveu para a sucessão na Secretaria do CBCE/PE. Encerrada a gestão, o contato com os sócios passou a ser feito apenas pela Direção Nacional e assim permaneceu por mais de seis meses até que, por iniciativa da profa. Celi Taffarel, alguns sócios se reuniram para discutir a rearticulação da Secretaria e decidiram solicitar à Direção Nacional a convocação de uma Assembléia Geral Extraordinária para eleição de uma nova secretaria.

Na Assembléia, realizada em maio de 1997, foi eleita uma chapa para um mandato de apenas um ano, tendo como objetivos a rearticulação dos sócios, a ampliação do número de sócios, a publicação do boletim, a realização de atividades preparatórias ao X CONBRACE e a viabilização da sucessão. Definiu-se ainda que a gestão não deveria se limitar aos nomes formalmente eleitos, devendo mobilizar colaboradores e funcionar enquanto colegiado.

Quando da realização da assembléia, o CBCE/PE contava com 23 sócios atualizados, além dos 3 que renovaram a associação naquele momento. Desses, apenas 8, entre os 14 participantes da reunião. Para superar esse quadro, a estratégia escolhida foi a de estabelecer um contato mais próximo com o sócio, realizar atividades presenciais e ocupar os espaços nos eventos da área.

Mesmo com grandes dificuldades foram atingidos os objetivos propostos e, no caminho/caminhar da gestão, alguns outros projetos mais ousados foram se incorporando. Entre as dificuldades, destaca-se a pouca disponibilidade de tempo dos envolvidos, o que prejudicava o encaminhamento e operacionalização das decisões tomadas em reuniões.

Foi realizada uma atividade de posse da Secretaria com debate sobre o tema principal do CONBRACE e apresentações culturais; foram realizados alguns contatos institucionais, editados comunicados aos sócios, publicado um boletim, emitidos certificados e recibos. O número de sócios foi ampliado para 59, ainda em 1997, e em junho de 1998, na transição para a nova gestão, já eram 96 os sócios em dia com a anuidade. Ainda em 1997 foi realizada a Jornada Preparatória ao X CONBRACE, com a realização de debates, cursos introdutórios e a apresentação dos trabalhos de Pernambuco, já se aproximando do formato de Grupos de Trabalhos Temáticos.

O segundo semestre da gestão (primeiro de 1998) foi marcado por um projeto ao qual se vinculavam outros dois. A idéia era realizar um encontro estadual do CBCE que valorizasse os profissionais que atuam no estado, integrando-os nas mesas e oficinas, além do tradicional espaço para a apresentação de trabalhos. Pensou-se, ainda, em realizar a Assembléia para eleição da nova gestão, dentro do próprio evento. Ou seja: encerrando uma gestão e começando outra, em um momento de reunião de sócios e de possíveis futuros associados da entidade. Um terceiro projeto era a edição de uma revista estadual, com o primeiro número saindo no evento estadual a ser realizado.

O I Congresso Pernambucano de Ciências do Esporte (ConPECE) aconteceu em maio de 1998 e foi um grande sucesso, com quase 170 participantes e 49 trabalhos inscritos nos GTTs. Uma chapa com 5 membros, muitas e boas idéias, foi eleita para o mandato 1998/2000. A Revista Pernambucana de Ciências do Esporte não saiu no evento, mas está a caminho, sendo uma proposta assumida pela nova gestão. Tal gestão foi construída a partir de uma avaliação aberta de toda a trajetória da Secretaria em Pernambuco. Um 'Boletim de Transição' circulou ainda em junho de 1998, divulgando a nova gestão e suas metas, o novo endereço (agora institucional), calendário de reuniões, a campanha de sócios, uma avaliação do ConPECE e a prestação de contas (inclusive financeira) da gestão 1997/1998.

Apesar deste saldo extremamente positivo, é importante registrar grandes e graves lacunas. Entre elas, a falta de uma maior articulação institucional e uma maior intervenção na chamada 'pauta política' do CBCE. Mas identificá-las já é um grande passo. E a nova gestão está atenta a esses desafios. No entanto, o maior de todos os desafios, desta ou de qualquer Secretaria ou instância, é que a sua atuação seja capaz de fazê-la tão forte e presente que a sua continuidade seja encarada como algo não só necessário, como envolvente e prazeroso.

Experiências no Rio de Janeiro

Atualmente, estamos na quarta gestão da Secretaria Estadual do CBCE, no Rio de Janeiro. A primeira gestão foi coordenada pela profa. Fernanda Paiva, que se destacou pela organização e pelas realizações, inclusive, de muitos eventos acadêmi-

cos e de periódicos, boletins. Após, seguiram-se gestões coordenadas pelos profs. Álvaro Quelhas e Marcelo Fonseca.

Nossa gestão assumiu, depois de um período conturbado de desmobilização na Secretaria do Rio de Janeiro. Desde o início, assumimos alguns compromissos básicos expressos, inclusive, em nossa proposta de campanha (enviada aos associados): a) reorganizar a entidade, recuperando seu prestígio e sua interlocução com os setores organizados da sociedade civil e da Educação Física/Ciências do Esporte no estado; b) reafirmar o caráter político da Secretaria, buscando uma atuação a partir das especificidades de uma entidade científica; c) ampliar as possibilidades de participação e contato com os associados, garantindo espaço para a multiplicidade e divergência/diversidade de opiniões e posições; d) a eleição de um colegiado ampliado para a Secretaria; e) a ampliação do número de associados; f) a busca de uma atuação efetiva na construção da Secretaria Nacional do CBCE e da entidade como um todo.

Assim, nossa gestão iniciou seus trabalhos em maio de 1997, contando com 21 membros na diretoria, entre professores e estudantes vinculados (alguns mesmo provisoriamente) a, pelo menos, quatro universidades do Rio de Janeiro, além de outras instituições (como rede municipal e estadual de ensino); organizados em 5 coordenações (Executiva, Científica, Divulgação, Eventos e Assuntos Estudantis).

Das ações pensadas a princípio, em algumas obtivemos relativo sucesso, o que não foi possível em outras. Por exemplo, assistimos a uma redução grande no número de membros da diretoria, que se afastaram por motivos pessoais e não por discordância com os rumos da entidade. Ainda assim, contamos hoje com um grupo de cerca de 7 a 8 pessoas, de alguma forma, contribuindo e reunindo-se periodicamente; o que pode ser considerado um bom grupo. De qualquer forma, nosso intuito é ter um número, cada vez maior, de associados envolvidos, independente de sua vinculação direta com a diretoria da Entidade.

No que se refere à filiação de sócios, penso que tenhamos obtido bons resultados. Ao assumir a Secretaria, contávamos com 47 sócios em dia, terminando o ano de 1997 com mais de 130. Para obter tal resultado, divulgamos a entidade em todas as oportunidades possíveis (eventos científicos, periódicos etc.) e, principalmente, recuperamos o

contato freqüente com os associados, procurando dar um tratamento especial a todos que nos procuraram pelos mais diversos motivos. Ainda assim, consideramos um número pequeno de associados, se levarmos em conta somente o fato de que temos mais de 10 escolas de Educação Física no Estado do Rio de Janeiro.

A recuperação da periodicidade do Boletim parece que foi fundamental para que os sócios obtivessem sempre informações atualizadas. O uso da internet também se mostrou acertado. Não conseguimos realizar encontros mensais temáticos, como desejávamos no início, mas organizamos um evento preparatório ao Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (a Jornada PRÉ CONBRACE), publicando os anais completos em disquete. Para comemorar os 20 anos do CBCE, pretendemos realizar em setembro, o I Congresso Estadual de Educação Física/Ciências do Esporte, com a participação de convidados de 4 estados diferentes.

Também procuramos participar ativamente na construção da entidade no âmbito nacional. Por ocasião do CONBRACE, tivemos participação ativa, tanto na divulgação do evento, quanto no evento em si, nas diversas reuniões realizadas. Também já enviamos as sugestões para a modificação do Estatuto da entidade e do Regimento Interno das Secretarias. Enfim, temos tentado nos envolver ao máximo e manter contato freqüente.

Obviamente, temos tido problemas e dificuldades. Alguns, de ordem estrutural. Por exemplo, não temos uma sede própria, nem apoio destacado das universidades do Rio de Janeiro, o que nos leva a ter custo elevado em algumas realizações e fragiliza algumas de nossas ações. Também temos tido uma atuação fraca no que se refere à articulação com outras entidades do estado. Iniciamos contato com o Sindicato de Professores, mas não tivemos organização suficiente para entabular maiores ações.

Para 1998, já temos boas notícias. Temos um representante de nossa Secretaria no Conselho de Representantes, na chapa para a Secretaria Estadual da Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência (SBPC). Sem dúvida, isso pode ampliar nossas possibilidades de contato e articulação.

Também as perspectivas para a realização de nosso Congresso Estadual parecem ser alvissareiras. Muitos colegas, do Rio de Janeiro e de outros estados, têm nos procurado à busca de

maiores informações. Além disso, já começamos os primeiros contatos com os colegas da Secretaria Estadual de São Paulo, Minas Gerais e Espírito Santo, buscando traçar algumas ações conjuntas e, especificamente, realizar em 1999, o I Congresso Regional de Educação Física/Ciências do Esporte - Região Sudeste.

No mais, realizamos uma pesquisa de perfil e interesses entre nossos associados, de forma a tornar, ainda mais adequadas, nossas ações, e também estamos reestudando a possibilidade de operacionalizar algumas idéias, originalmente constantes, em nossa proposta de chapa, como a realização dos encontros mensais temáticos e da publicação da Revista Fluminense de Educação Física/Ciências do Esporte.

APONTAMENTOS E PERSPECTIVAS PARA A ATUAÇÃO DAS SECRETARIAS

“Secretarias essas que, desde o VII CONBRACE, vêm pleiteando maior participação e mais organicidade na gerência das questões administrativas” (id. p.79).

Não temos dúvida que as Secretarias Estaduais devem ser consideradas como uma estrutura importante para o Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte. Como previsto em sua criação, as representações estaduais podem (e devem) garantir uma inserção maior da entidade nos diversos estados (ainda mais se tratando de país tão extenso territorialmente e tão diverso culturalmente como o Brasil), além de serem fundamentais para garantir a democracia interna e o aumento da participação dos associados.

Para tal, contudo, cabe-nos, cada vez mais, potencializar tais contribuições. A Secretaria Nacional deve se esmerar em estabelecer um diálogo mais constante com essas instâncias, ampliando sua compreensão acerca do papel/espço das Secretarias e reconhecendo sua importância para além da circunstancialidade operacional. As Secretarias não podem ser encaradas como instituições, simplesmente, responsáveis por organizar eventos próprios, auxiliar na organização dos eventos nacionais (como no caso do CONBRACE e das seções específicas nas Reuniões da SBPC), ou divulgar a

Entidade e obter número maior de associados. Devem ser consideradas como responsáveis por encaminhar ações traçadas, a nível nacional, nos estados específicos, obviamente sempre respeitando as peculiaridades de cada local.

O Colégio Brasileiro, amplo e plural como deve ser, não pode abrir mão de tomar posições políticas. Não pode se resumir, através de sua revista e de seu congresso, a abertura de espaços de apresentação do que é produzido na área, embora seja esse também o seu papel. E, neste processo de construção coletiva e necessariamente democrática, as Secretarias Estaduais têm um papel fundamental por estarem mais próximas dos sócios e poderem auxiliar na materialização daquilo que é tema do nosso próximo CONBRACE: “CIÊNCIAS DO ESPORTE : Intervenção e Conhecimento”.

A Secretaria Nacional deve se empenhar não só em estimular as ações dessas Secretarias, como também auxiliar no desenvolvimento dessas representações onde sua atuação ainda é fraca ou onde ainda não existe efetivamente. Não se deve também buscar uma instância estadual, simplesmente, como um recurso cartorial. Há de se preocupar em incrementar efetivamente as ações dessas representações. Uma questão a ser discutida e, talvez, assumida pelas diretorias futuras, é voltar a oficializar um coordenador de Secretarias Estaduais, para além dos cargos de diretoria já existentes. A reformulação dos estatutos e consolidação de um regimento para as Secretarias é algo inadiável.

Um grande objetivo a ser perseguido é a própria articulação entre Secretarias Estaduais. As Secretarias devem buscar iniciativas em comum e de auto-estímulo. Por exemplo:

- a) Realização de eventos integrados de forma a articular discussões regionais e reduzir os custos do evento;
- b) Busca de articulação política para problemas regionais em comum;
- c) Ajuda mútua no que se refere a questões ligadas à infra-estrutura e;
- d) Fundamentalmente, na troca de experiências.

Cabe-nos uma última sugestão: cada Secretaria poderia, além da realização dos eventos comemorativos, fazer um esforço de resgate da história do CBCE em seu estado, seja nos tempos de representantes ou delegados, seja já como Secretaria

constituída. Organizar a memória do CBCE e apreender a sua história, parece-nos ser uma dimensão fundamental.

Como advertimos desde o início, esperamos com nossos relatos, reflexões e sugestões que estejamos colaborando para garantir a consolidação e potencialização dessas nossas ainda jovens, mas já importantes Secretarias Estaduais.

Como nos alerta o saudoso Chico Sciense,

*“Com a barriga vazia não consigo dormir
E com o bucho mais cheio comecei a pensar
Que eu me organizando posso desorganizar
Que eu desorganizando posso me organizar”⁸⁶.*

UNITERMS: *Brazilian College of Sport Science; History of Physical Education*

This concise article has for purpose to argue about the role of States Secretariats in the development of Brazilian College of Sport Sciences (CBCE) since our point of view as associates and secretaries of these Secretariats in Rio de Janeiro and Pernambuco. We hope to contribute to become more legitimate and important the role of these institutions in the building of our Brazilian College.

⁸⁶ Chico Sciense e Nação Zumbi. *Da lama ao caos*. Chaos/Sony Music. 1994